

Onde bateu a luz

Onde bateu a luz

A autobiografia de Philip Yancey

Traduzido por Almiro Pisetta



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2021 por Philip Yancey

Os textos bíblicos foram extraídos da *Almeida Revista e Corrigida* (ARC), da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Y22o

Yancey, Philip

Onde bateu a luz : a autobiografia de Philip Yancey / Philip Yancey ; tradução Almiro Pisetta. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2022.

304 p.

Tradução de: Where the light fell: a memoir
ISBN 978-65-5988-131-4

1. Yancey, Philip. 2. Biografia cristã. 3. Vida cristã. I. Pisetta, Almiro. II. Título.

22-78239

CDD: 270.092

CDU: 929:27-4

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Edição

Daniel Faria

Revisão

Natália Custódio

Produção e diagramação

Felipe Marques

Colaboração

Ana Luiza Ferreira

Marina Timm

Ricardo Shoji

Capa

Douglas Lucas

Categoria: Biografia

1ª edição: setembro de 2022

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão

Rua Antônio Carlos Tacconi, 69

São Paulo, SP, Brasil

CEP 04810-020

Telefone: (11) 2127-4147

www.mundocristao.com.br

Para Janet, naturalmente

Foi seguindo os raios do sol que cheguei ao sol.
Liev Tolstói, em *Tolstói, meu pai: recordações*, de Tatiana Tolstói

Sumário

PARTE I: A TRAMA FAMILIAR

- | | |
|----------------|----|
| 1. O segredo | 13 |
| 2. A aposta | 17 |
| 3. Desenlace | 26 |
| 4. O juramento | 33 |

PARTE II: MENINICE

- | | |
|---------------------------|----|
| 5. Tempo de despertar | 41 |
| 6. Riscos | 56 |
| 7. Igreja | 67 |
| 8. Aprendizado | 80 |
| 9. Ralé do <i>trailer</i> | 91 |

PARTE III: RAÍZES

- | | |
|----------------|-----|
| 10. Sul | 105 |
| 11. Filadélfia | 116 |
| 12. Mãe | 125 |
| 13. Fervor | 137 |

PARTE IV: DESORDEM

- | | |
|------------------|-----|
| 14. Colegial | 155 |
| 15. Dividido | 166 |
| 16. Renovação | 179 |
| 17. Crescendo | 192 |
| 18. Faculdade | 203 |
| 19. Desajustados | 215 |

PARTE V: AGRACIADO

- | | |
|--------------|-----|
| 20. Tremores | 231 |
| 21. Contato | 244 |

22. Marshall	251
23. A maldição	263
24. Irmãos	276
25. Retrospecto	286
<i>Nota do autor</i>	299

PARTE I

A TRAMA FAMILIAR

1

O segredo

Não há agonia igual à de carregar uma história não contada dentro de você.

Zora Neale Hurston, Só na época da faculda-
de eu descubro o segredo da morte de meu pai.

Minha namorada, que depois se tornará minha esposa, está fazendo sua primeira visita a Atlanta, minha cidade natal, no início de 1968. Demos uma passadinha na casa de meus avós com minha mãe, fizemos um lanche e fomos para a sala de visitas. Meus avós estão sentados em duas poltronas reclináveis iguais em frente ao sofá estofado onde Janet e eu estamos. Ouve-se ao fundo uma televisão ligada baixinho, sintonizada no sempre chato *Lawrence Welk Show*.

Normalmente meu avô octogenário ronca durante o programa, acordando apenas a tempo de declarar: “Melhor programa que já vi!”. Esta noite, porém, todo mundo está bem desperto, concentrando sua atenção em Janet. *Philip nunca trouxe uma garota aqui — deve ser coisa séria.*

A conversa acontece de um jeito esquisito até que Janet diz: “Contem-me alguma coisa sobre a família Yancey. Lamento não ter podido conhecer o pai de Philip”. Entusiasmada com o interesse dela, minha avó procura num gabinete onde apanha alguns álbuns de fotografias e de recortes. Enquanto as páginas vão virando, Janet tenta guardar direito todos os nomes e rostos que vão passando diante dela. Esse ancestral lutou pela Confederação na Guerra Civil. Essa prima distante morreu de uma picada de uma aranha viúva-negra. O pai dela sucumbiu à gripe espanhola.

De repente um recorte dobrado do *The Atlanta Constitution* cai do álbum esvoaçando para o chão, um papel de jornal amarelado pelo tempo. Quando me inclino para apanhá-lo, uma foto que nunca vi prende meu olhar.

Um homem deitado de costas num leito hospitalar, seu corpo penosamente mirrado, a cabeça apoiada sobre travesseiros. Ao lado dele, uma senhora sorridente se curva para alimentá-lo com uma colher. De imediato a reconheço como uma versão jovem e mais esbelta de minha mãe: o mesmo nariz saliente, o mesmo volume de cabelos negros, encrespados, com um traço prematuro das rugas de preocupação que agora sulcam sua testa.

A legenda da foto me faz congelar: “Vítima da pólio e esposa rejeitam ‘pulmão de aço’”. Aproximo mais o papel e bloqueio o rumor da conversa da família. As palavras impressas parecem ficar maiores à medida que vou lendo.

Um ministro batista de 23 anos de idade, que foi afetado pela pólio dois meses atrás, abandonou o “pulmão de aço” em que foi colocado no Hospital Grady porque, como ele afirma, “Acredito que o Senhor quis que eu fizesse isso”.

O Rev. Marshall Yancey, da Rodovia Poole Creek, 436, Hapeville, disse que cerca de 5.000 pessoas da Geórgia até a Califórnia estavam orando pela sua recuperação, e ele estava confiante que estaria bem “em breve”.

Ele assinou sua própria alta do Grady, contrariando o parecer dos médicos.

Aquelas cinco palavras, *contrariando o parecer dos médicos*, produzem um calafrio no meu corpo, como se alguém me houvesse despejado água gelada espinha abaixo. Percebendo a mudança, Janet olha para mim intrigada, a sobrancelha esquerda tão arqueada que toca sua franja. Passo-lhe discretamente o recorte para que ela também possa ler.

O repórter do jornal cita um médico do Hospital Memorial Grady advertindo que a remoção do respirador “pode causar graves danos”, seguido por um quiroprático garantindo que o paciente está “definitivamente melhorando” e pode começar a andar em seis semanas se continuar o programa de tratamento deles.

Depois o artigo volta-se para a minha mãe:

A Sra. Yancey, a jovem esposa de olhos azuis, explicou por que o marido deixou o Grady.

“Nós achamos que ele deveria sair daquele pulmão de aço. Muita gente que acredita na cura pela fé está orando por ele. Acreditamos nos médicos, mas cremos que Deus vai atender nossas orações e ele vai ficar bem.”

Confiro a data do jornal: 6 de dezembro de 1950. Nove dias antes da morte de meu pai. Senti meu rosto inflamado e vermelho.

Janet terminou de ler. *Por que você não me contou isso?*, ela pergunta com os olhos. Respondo com um gesto de surpresa: *Porque eu não sabia.*

Dezenas e dezenas de vezes ouvi a saga da morte de meu pai, como uma doença cruel acometeu um talentoso e jovem pregador no frescor da idade, deixando uma viúva sem um tostão com a nobre tarefa de extrair algum sentido daquela tragédia. Meus anos de crescimento foram dominados, até mesmo presos numa camisa de força, por um juramento que ela fez: que meu irmão e eu iríamos redimir aquela tragédia assumindo o manto da vida de nosso pai.

Nunca, porém, eu tinha ouvido a história por trás do que causou sua morte. Quando recoloco o recorte de jornal no álbum, descubro na página oposta um relato similar do jornal da cidade natal de minha mãe, *The Philadelphia Bulletin*. Por mero acidente estou descobrindo que esse homem que eu nunca conheci, um gigante santo pairando sobre mim todos esses anos, foi uma espécie de santo insensato. Convenceu-se de que Deus o curaria, e depois apostou tudo — carreira, esposa, os dois filhos, a própria vida — e perdeu.

Sinto-me como um dos filhos de Noé defrontando-se com a nudez de seu pai. A fé que engrandeceu meu pai e lhe granjeou milhares de apoiadores, agora entendo, também o matou.

Enquanto estou deitado na cama naquela noite, lembranças e anedotas da infância lampejam diante de mim, aparecendo agora numa luz diferente. Uma jovem viúva deitada sobre o túmulo do marido, soluçando enquanto oferece seus dois filhos a Deus. A mesma viúva, minha mãe, parando para orar: “Senhor, vai em frente e leva também eles, a menos que...” antes de buscar ajuda enquanto seus filhos se agitam convulsionados sobre o chão. A fúria dela explode quando meu irmão e eu damos a impressão de nos desviar de nosso destino estabelecido.

Uma nova percepção terrível me domina. Meu irmão e eu somos a expiação que vai reparar um erro fatal de fé. Não admira que nossa mãe tenha ideias tão estranhas sobre a criação de filhos e uma resistência tão

renhida a desapegar-se de nós. Só nós podemos justificar a morte de nosso pai.

Depois da casual descoberta do artigo de jornal, mantenho muitas conversas com minha mãe. “Aquilo não era vida para ele, paralisado, naquela máquina”, ela diz. “Imagine um homem adulto que não pode sequer espantar uma mosca pousada em seu nariz. Ele quis desesperadamente sair do Hospital Grady. Implorou-me para não deixar ninguém o levar de volta para lá.” O raciocínio dela é sólido, embora insatisfatório.

“Entendo”, protesto eu, “mas por que nunca me contaram sobre a cura pela fé? O fato mais importante sobre a morte de meu pai eu vim a saber por acaso, por meio de um recorte de jornal. A senhora convidou um repórter a entrar no quarto com um fotógrafo. A senhora contou *a eles* a verdade, mas não contou ao meu irmão nem a mim!”

Depois de exposto, o mistério da morte de meu pai ganha um novo, dominante poder. Quando começo a perguntar por aí, um amigo da família me confidencia: “Muitos de nós ficamos espantados com aquela decisão de transferir seu pai de um hospital bem-equipado para um centro quiroprático”.

Tenho a sensação de que alguém virou o caleidoscópio do mito de nossa família, espalhando os fragmentos para formar um desenho completamente novo. Partilho a notícia com meu renegado irmão, que se expôs à ira de minha mãe ao aderir à contracultura *hippie* de Atlanta. Ele imediatamente tira a conclusão de que ela nos privou de um pai “desligando a tomada” do próprio marido. Dentro de nossa família abre-se um abismo sobre o qual provavelmente nunca será construída uma ponte.

Não sei o que pensar. Só sei que fui enganado. O segredo veio agora à luz do dia, e eu estou determinado a investigá-lo e, algum dia, expor tudo por escrito, da maneira mais verdadeira que puder.

2

A aposta

O amor em ação é uma coisa terrível comparado com o amor em sonhos.

Fiódor Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*

Você precisaria ter vivido em meados do século 20 para avaliar o medo que a pólio outrora provocava — o mesmo grau de medo que pandemias como a HIV/AIDS e a COVID-19 provocariam mais tarde. Ninguém sabia como a pólio se propagava. Pelo ar? Comida contaminada? Papel moeda? Em todo o país, por precaução, foram fechadas as piscinas. Quando surgiu um boato de que os gatos poderiam ser os transmissores, os nova-iorquinos mataram 72 mil deles.

Para aumentar ainda mais o terror, a pólio atacava sobretudo as crianças. Os pais a empregavam como a maior ameaça — para evitar que seus filhos fizessem brincadeiras muito violentas, usassem um telefone público, se sujassem ou andassem em más companhias: “Você quer passar o resto da vida num pulmão de aço?!” Os jornais publicavam diariamente registros dos mortos, juntamente com fotos de respiradores enfileirados, parecendo gigantescos enroladinhos de salsichas com pequenas cabeças aparecendo numa das extremidades.

Nem todas as vítimas eram crianças. O mais famoso paciente da pólio, o presidente Franklin Delano Roosevelt, contraiu a doença aos 39 anos de idade.

Meu pai caiu doente mais cedo, aos 23. Seus sintomas inicialmente eram semelhantes aos da gripe: garganta inflamada, dor de cabeça, ligeira náusea, fraqueza muscular geral. Mas, no dia 7 de outubro de 1950, ele

acordou e percebeu que as pernas estavam paralisadas. Incapaz de se mexer, mesmo de levantar-se da cama, temeu pelo pior.

Quando chegou a ambulância, minha mãe pediu a uma vizinha que mantivesse Marshall Jr., de três anos de idade, afastado da janela, mas meu irmão gritou tanto que a vizinha cedeu às lágrimas dele e o deixou olhar. Durante semanas ele teve recorrentes pesadelos vendo o pai ser carregado para fora da casa, impotente e imóvel.

A ambulância acelerou rumo ao Hospital Batista da Georgia. Os médicos fizeram um rápido exame do paciente, depois abruptamente o mandaram sair numa cadeira de rodas, vestindo apenas uma bata hospitalar. “É pólio”, disseram a minha mãe. “Leve-o para o Grady. É o único hospital aqui por perto equipado para tratar de pacientes com pólio.”

Em algum momento naquela semana, nossa mãe escreveu uma carta urgente para a igreja de sua cidade natal, Filadélfia, e para outras congregações que haviam concordado em prestar-lhes assistência como missionários. Sua mensagem foi simples e direta: “Por favor, orem!”

Um vasto ponto de referência no centro de Atlanta, o Memorial Grady era um hospital de caridade que atendia qualquer pessoa. Como a maioria dos hospitais do Sul, o Grady praticava a segregação racial, com um túnel por baixo da rua unindo as instalações para brancos às instalações para “gente de cor”. Os pacientes gracejavam dizendo que o Grady dispensava tratamento igual a todas as raças — tratamento igualmente ruim. Não importava qual fosse sua raça, você podia ficar sentado por horas no saguão aguardando a chamada do seu número. Não, porém, se você tivesse pólio: atendentes de imediato levaram meu pai corredor abaixo rumo a uma ala de isolamento.

Morávamos no Blair Village naquela época, um projeto habitacional do governo construído para veteranos de Segunda Guerra Mundial. Quatro ou cinco blocos de apartamentos, que pareciam casernas militares, desenhavam uma ferradura ao redor de um beco sem saída. Quando meu pai caiu doente, uma agente da saúde pública afixou um sinal de quarentena sobre a porta de nossa casa, proibindo temporariamente qualquer visita.

Durante os dois meses seguintes minha mãe adotou a mesma rotina diária. Alimentar as crianças pela manhã, juntar suas fraldas e brinquedos e despachá-las com suas trouxas para a casa de qualquer vizinha que havia concordado em cuidar delas naquele dia. Depois, por ainda não

ter aprendido a dirigir, ela tomava um ônibus urbano, com dezenas de paradas, rumo ao centro. Muitas vezes ela era a única passageira branca num ônibus lotado de trabalhadores, sentada sozinha na parte da frente reservada para brancos. No Grady ela ficava ao lado do marido até o dia escurecer, quando tomava um ônibus para casa.

As enfermeiras lhe disseram que apenas uma entre 75 pessoas adultas com pólio eram afetadas pela paralisia. Meu pai foi o azarado. E, uma vez que ela afetava o diafragma, o Grady o destinou ao temido pulmão de aço.

Um grande cilindro metálico amarelo mostarda, o aparelho engolia todo o corpo de meu pai com exceção da cabeça, que repousava sobre uma mesa almofadada. Um apertado colar de borracha em torno de seu pescoço impedia que o ar escapasse do cilindro. Bombeando ar para dentro e depois sugando-o para fora a fim de formar um vácuo, a máquina obrigava seus pulmões a expandir-se e contrair-se, algo que não podiam fazer sozinhos. Meu pai se queixava de que o ruído não o deixava dormir: os folos produziam chiados rítmicos e rangidos metálicos como limpadores gastos arranhando o para-brisa de um carro.

Poucos hospitais tinham televisores em 1950, e meu pai não podia virar as páginas de um livro. O dia inteiro e a noite inteira, ficava deitado de costas sem se mexer. Olhava para o teto, passando o tempo estudando o padrão dos buracos nas telhas acústicas. Mexendo os olhos, conseguia mirar um espelho voltado para a entrada e ver, na janelinha da porta, rostos de gente passando.

Desse ponto de vista, qualquer um que se aproximasse dele era alto como um gigante. Uma servente usando máscara levava uma colher de comida na sua direção, e ele se esquivava. Portinholas de acesso alinhavam-se na lateral do cilindro, e atendentes do hospital enfiavam por elas suas mãos enluvadas para introduzir uma agulha ou substituir uma comadre. Eles se dirigiam à cabeça dele, única parte fora da máquina, como se ela tivesse uma existência própria independente das partes do lado de dentro.

Ele perdeu o controle de funções básicas: ir ao banheiro, dormir, alimentar-se. Nem podia decidir sobre sua respiração; o pulmão de aço fazia isso por ele. O mundo se encolheu. Cinco anos antes ele havia voltado para casa num navio de guerra, com toda a vida diante de si. Agora quem decidia seu raio de ação era o pulmão de aço, que se tornara uma espécie de exoesqueleto, semelhante a uma carapaça apertada em volta de um caranguejo preso.

O Grady tinha regras rigorosas para visitas. Quando minha tia Doris, enfermeira de outro hospital, apareceu uniformizada para uma visita, a enfermeira responsável do Grady julgou que ela não tinha o treino apropriado para casos de pólio. “Querida, de todo modo, você nem vai querer ver como ele está mal”, disse ela.

Umás poucas vezes a mãe dele, minha avó Yancey, apareceu na janela usando máscara e lhe acenou com a mão. Somente uma vez o pai dele apareceu, levando a reboque meu irmão e eu. Um ferreiro, esse homem robusto nos levantou os dois sobre seus ombros e nos segurou junto à janelinha da porta, de modo que meu pai pudesse ver os próprios filhos, nossas imagens invertidas no espelho afixado à máquina.

A única pessoa que desafiava o risco, a única pessoa que o tocava de um modo não clínico, era minha mãe, sua salva-vidas emocional. Lia livros para ele, cantava hinos em voz baixa, importunava as enfermeiras e atendentes pedindo um tratamento melhor e lhe oferecia o pouco encorajamento possível — ao mesmo tempo que seu próprio mundo ruía à sua volta.

Ocultava dele seus medos íntimos, mas os registrava num diário: “Sofrendo terrivelmente — fora de si a maior parte do tempo. Pedi a Deus para levá-lo para casa se ele tiver de sofrer desse jeito”.

Durante as longas idas e vindas de casa para o hospital e as ocasiões em que seu marido cochilava dentro do pulmão de aço, minha mãe tinha muito tempo para revisar o turbilhão que foram os cinco anos passados com ele.

Ela o conheceu em abril de 1945, quando um grupo de marinheiros de folga num fim de semana viajou de sua base naval em Nortfolk, Virgínia, para a Filadélfia, na esperança de ver os pontos turísticos da cidade. Ele optou por passar a manhã de domingo na igreja, onde um casal de meia-idade respondeu ao pedido do pastor de “convidar um soldado a almoçar na casa deles”. Lá ele se encontrou pela primeira vez com Mildred Diem, minha mãe, que residia com o casal enquanto se recuperava de um procedimento médico.

O marinheiro aventureiro de Atlanta apaixonou-se loucamente pela tímida, protegida Milly, três anos mais velha que ele. Ela nunca tivera um namorado e se encantou com seu sotaque sulino e estilo de cavalheiro. Também se maravilhou com seu espírito despreocupado, exatamente o oposto de sua própria natureza reprimida.